

Mais*

Dia de festejar a mãe dos orixás

Presente para Iemanjá reúne fiéis de todas as crenças e devoções no Rio Vermelho

Maysa Polcri e Esther Moraes

REPORTAGEM
redacao@correio24horas.com.br

Os primeiros raios de sol começavam a despontar no horizonte do Rio Vermelho quando os fogos de artifício, antes das 5h, anunciaram o começo do Dia de Iemanjá, a mãe de todos os orixás. Nas ruas, quem havia passado a madrugada em claro, se misturava com as pessoas que chegaram cedinho para depositar suas oferendas nos balaies do barracão armado para a ocasião, na Colônia de Pescadores Z1. Cada hora que avançava no relógio representava menos espaço disponível na areia e na orla para conter o tanto de gente que saiu de casa, muitos de outras cidades e até países, para celebrar o reencontro com a festa que completou 100 anos agora em 2023.

A movimentação teve início antes mesmo da alvorada e nem a chuva forte da madrugada foi capaz de espantar quem misturava devoção com música e dança. Afinal, o 2 de Fevereiro acontece em pleno Verão de Salvador, uma cidade moldada na mistura do sagrado com o profano.

Quando o presente principal, produzido pelo terreiro Ilê Axé Oxumarê, chegou ao barracão, uma onda de emoção se espalhou entre os devotos, turistas e curiosos. Depois de dois anos sem a celebração pública no seu modelo tradicional – no ano passado a praia do Rio Vermelho ficou fechada para o público por conta da covid-19 –, foi difícil encontrar quem não se arrepiasse com a catarse coletiva proporcionada pelas homenagens à orixá que também é a mãe da gente do mar e da terra.

Carregado por filhas e filhos de santo, uma coroa nas cores azul e branca, coberta de folhas, e uma escultura em forma de estrela-do-mar faziam jus ao centenário da festa, que é tombada como Patrimônio Cultural de Salvador. O presente começou a ser elaborado no terreiro há meses, quando através de um jogo de búzios (Ifá), Iemanjá disse o que queria ganhar.

O presente foi entregue somente por volta das 16h e o prefeito Bruno Reis participou do cortejo principal (leia mais na pág. 14). Junto com a chamada oferenda principal, que é o presente dos pescadores para a orixá, balaies com flores oferecidos por devotos ao longo do dia acompanharam a procissão. Pescadores levaram todas as oferendas para o alto-mar.

DEVOÇÃO SEM POLUIÇÃO

O objetivo deste ano e dos próximos é de zero poluição, por isso, presentes que podem poluir o ambiente, como espelhos, garrafas e sabonetes foram depositados diretamente na Casa de Iemanjá e lá ficaram. A preocupação com o meio ambiente marcou a festa deste ano e, segundo os organizadores, foi outro pedido da orixá, feito a partir do oráculo de Ifá. Para não poluir a sua morada e agredir a fauna e flora marinhas, o presente principal foi ecológico e biodegradável. Muitas outras oferendas menores seguiram essa mesma indicação.

GRATIÇÃO SEM PEDIDOS

Edvalda Araújo, 62, filha de Iemanjá que acompanha a festa desde os 15 anos. Após dois anos sem a festa devido à pandemia, disse que ontem não tinha o que pedir porque já recebeu muitas graças da Rainha do Mar. “É um sentimento maravilhoso, lindo, de renovação. Tenho que agra-



decir pela minha saúde, minha mãe está viva aos 93 anos, minha filha está se formando em Letras. Estou muito feliz de ver também a alegria no rosto de todos”.

Uarlen Cardoso, 25, faz parte da casa que preparou o presente deste ano – cada ano um terreiro é escolhido – e para ele, a entrega da prenda traz a sensação de responsabilidade e felicidade. “Me sinto realizado porque aqui posso ter noção da fé e espiritualidade que as religiões de origem africana têm na Bahia”, observou.

O presente principal passou por cerimônias religiosas internas antes de sair. A grande estrela-do-mar saiu às 4h30 do Terreiro de Ilê Oxumarê, na Vasco da Gama, e chegou à praia de Santana, no Rio Vermelho, por volta das 5h. Em seguida, às 16h, a oferenda foi colocada na embarcação Rio Vermelho e seguiu para o ‘Buraco de Iaíá’, localização no mar de um buraco em formato de concha, a três milhas náuticas da praia, onde as oferendas são depositadas todo ano.

MÚLTIPLAS CRENÇAS

A devoção à Iemanjá é tamanha que ultrapassa as barreiras religiosas. Ao longo de toda a manhã, praticantes de umbanda, candomblé, católicos e espíritas conviveram no mesmo espaço, sem intollerância. Até benção e oração teve, comandadas por Dom Márcio Tranquilli, bispo do Movimento Católico Apostólico Independente do Brasil.

Maria da Glória, 63, se destacava em meio às pessoas que se apertavam entre as

1 Presente principal chegou ao Rio Vermelho, vindo do terreiro na Vasco da Gama, às 5h e ficou à mostra para os devotos contemplarem e anexarem suas flores, pedidos e agradecimentos

2 Pescadores levaram o presente principal e também balaies menores para o Buraco de Iaíá, localidade distante 3 milhas da costa

Banho de mar para renovar as energias para o ano que começa faz parte do ritual



●● A festa é muito maravilhosa, muito forte e linda. Peço por proteção e paz. E agradeço e por saúde Luciana Santos

Funcionária pública de 44 anos, ao falar da sua participação anual na Festa do 2 de Fevereiro e da importância de Iemanjá para ela



PAULA FRÖES

barreiras de metal que guiavam a fila até o presente principal. Em uma mão, a ajudante de eventos carregava a flor que depositaria em um dos diversos balaies. No corpo, estava agarrada a uma sacola que estampava a imagem de Santa Dulce.

Católica e devota de Iemanjá ao mesmo tempo, há uma década ela frequenta a celebração do 2 de Fevereiro. Tudo começou quando, já descrente de uma cura para um problema no coração, apelou à orixá. “Eu não achei ninguém para vir comigo pela primeira vez e vim só, com Deus. Foi quando pedi a cura para Iemanjá e fiz a minha promessa. Graças a ela, eu fiquei boa”, contou muito emocionada.

Também católica, a técnica de enfermagem Marize Gomes, 48, é devota da orixá há mais de 30 anos. “Com 16 anos minha devoção começou graças à minha mãe, que me passou os ensinamentos. Eu respeito todas as religiões e a fé que move as pessoas”.



PAULA FRÖES

DIVERSIDADE DE MIMOS

Balaies com flores, frutas e bijuterias, Iemanjá, uma mãe vaidosa e que aprecia os enfeites, recebeu presentes que simbolizam a fé, gratidão e reverência de quem acredita em seus poderes de prover fartura e boa sorte.

Muita gente, por sua vez, preferiu garantir espaço em um dos balaies no barracão, mas outros tantos preferiram viver seu momento de renovação espiritual particular do pacto de fé com a divindade e entraram no mar para rezar e depositar flores.

Tais Santana é do candomblé e filha de Iemanjá. No balaie preparado por ela, havia pulseiras e flores. “São oferendas que não vão prejudicar o meio ambiente”, ressaltou. “Desde a madrugada, a gente vem fazer as rezas e trazer os presentes para fortalecer a fé, trazer esperança. Hoje, peço que ela acalme o universo e dê calma às pessoas que estão passando por ansiedade e depressão”.

A funcionária pública Luciana Santos, 44, também trouxe rosas acompanhadas de pedidos e agradecimentos para Iemanjá. “A festa é maravilhosa, muito forte e linda. Peço por proteção e paz. Para agradecer é por saúde”.

A técnica de enfermagem, Railda Sacramento, 68, participa do festejo há mais de 20 anos e lembrou que o cuidado com o meio ambiente cresceu ao longo dos anos na festa. “Agora não colocamos frascos no mar, caixas com sabonete”. Em vez dos produtos, Railda perfumou as rosas.

COLABORARAM LARISSA ALMEIDA, EMILLY OLIVEIRA, MARI LEAL E VINICIUS NASCIMENTO.



PAULA FRÖES



ARISSON MARINHO

Devota se veste de sereia há mais de 20 anos para a festa

Talma conta que nos dois anos sem festa no Rio Vermelho, saudou a orixá em outra praia

Em 2012, Talma Pereira da Silva, 49, então grávida de 5 meses, estampava a reportagem da cobertura da Festa de Iemanjá da edição impressa do CORREIO. Na ocasião, ela chamava a atenção da multidão com sua roupa azul de filha de santo. Hoje, 11 anos depois, a tradição se repetiu e Talma se vestiu de sereia nas areias do Rio Vermelho para saudar sua mãe, a rainha do mar.

Ainda na infância, Talma, que faz parte do centro umbandista Caminho da Luz, em Camaçari, sentia uma conexão diferenciada com o mar e invejava a cauda e os longos cabelos das sereias. Muitos anos depois, quando um jogo de búzios revelou que a sua orixá ‘de frente’ era Iemanjá, foi como se as peças de um quebra-cabeças se encaixassem.

“Há mais de 20 anos eu venho aqui agradecer por todas as bênçãos que Iemanjá me deu ao longo da minha vida. Ela é uma mãe muito dedicada para todos nós”, disse.

O filho que ela esperava em 2012, João Pedro, não participou da celebração. “Como eu saí de casa às 3h da manhã, ele não veio. Mas ele gosta muito da parte religiosa e eu ensino muitas coisas para ele sobre Iemanjá”.

OFERENDA PARA TRAZER OS PEIXES

A origem da Festa de Iemanjá tem íntima relação com o nome africano do orixá, Yéyé omo ejá, que em iorubá significa ‘mãe cujo os filhos são peixes’. Em 02 de fevereiro de 1923, um grupo de pescadores do Rio Vermelho se juntou para fazer uma oferenda à deusa que reina sobre as águas salgadas para que ela trouxesse abundância, que seus filhos enchessem as redes e garantissem sustento aos pescadores

Pescadores faturam um extra levando os fiéis para o mar

Os pescadores do Rio Vermelho aproveitaram o intenso fluxo de pessoas depositando presentes para Iemanjá para faturar um dinheiro extra e, ao mesmo tempo, ajudar os devotos a terem um contato mais íntimo com a Rainha do Mar.

Na areia, dezenas de barquinhos levavam as pessoas para uma viagem de cerca de 10 minutos mar adentro, por preços que variavam entre R\$ 20 e R\$ 25.

Três turistas que chegaram de São Paulo na terça (31), vieram para Salvador cumprir uma missão especial e, para isso, precisaram de um dos barcos dos pescadores.

Há um ano, o marido de Valéria Aparecida Caratori morreu de covid-19. Apesar de distante do Rio Vermelho, ele cultuava Iemanjá e, por isso, a viúva, em companhia da irmã Valdereza e da neta, Nathália, decidiram homenageá-lo na festa deste ano.

“Quando vimos o barquinho, achamos que a energia seria muito maior em alto mar. Meu avô era muito devoto e a gente imaginou que a sensação fosse ser diferente perto de Iemanjá, lá no mar”, contou Nathália.